

Foco

Cerca de 730 peças foram levadas de museus, igrejas e capelas mineiras



Por Tercio Braga 26/07/2017 - 02:35

Onde antes imperavam a beleza e o simbolismo histórico de 15 peças sacras, o vazio reina. Nos altares de igrejas construídas no século XVIII, as imagens dos santos católicos recebidas de Portugal desapareceram há pelo menos 30 anos. Seja no Museu de São João de Medeiros, em Oliveira, no Centro-Oeste, na Igreja Matriz de São José, em Nova Era, na região Central, ou no Santuário do Bom Jesus do Matozinhos, em Congonhas, parte da história foi perdida. De acordo com o MPMG (Ministério Público de Minas Gerais), mais de 730 peças de arte sacra foram levadas de museus, capelas e igrejas mineiras.

Os números indicam que 60% dos objetos tiveram como destino a venda para colecionadores e antiquários do Brasil e do exterior. “A relevância dos bens sacros para o Patrimônio Cultural vem do fato de a fé e a religiosidade estarem enraizadas na cultura mineira. Eles também revelam aspectos históricos que se relacionam à ocupação e a formação de determinado local”, explicou a coordenadora estadual do Patrimônio Cultural e Turístico de Minas Gerais, Giselle Ribeiro de Oliveira.

Conforme a especialista, o número exato de peças desaparecidas é desconhecido. “Muitas sequer eram inventariadas pela Igreja Católica quando foram subtraídas”, argumentou. O padre Reginaldo, da Igreja Matriz de São Caetano, em Mariana, contou que os moradores não se conformam com a ausência das imagens. “Na igreja já perdemos várias, o que é visto com muito pesar e tristeza pela comunidade. Há alguns que se recordam exatamente das peças e que mantêm a esperança de que serão encontradas”, afirmou.

Na Igreja de Nossa Senhora de Oliveira, santa que também batiza a cidade, uma coroa banhada a ouro desapareceu recentemente durante uma exposição. “Era muito vistosa e, mesmo dentro de um móvel trancado, foi furtada”, contou Nair Gonçalves.

Crime internacional

O roubo e o furto de peças sacras estão entre os crimes que mais movimentam recursos no mundo, segundo a Interpol – só é superado pelo tráfico de armas e drogas. “Identificamos que os principais crimes relacionados eram: furto, roubo, apropriação indébita, receptação e exercício irregular do comércio de antiguidades. Há ainda a formação de quadrilhas especializadas na subtração destas peças”, contou a coordenadora.

Desde 2003, o órgão faz uma campanha para tentar recuperar os objetos históricos. “Tivemos inúmeros avanços, como a devolução de mais de 280 peças ao patrimônio público mineiro. Outro ponto de destaque foi o envolvimento da população na busca do bem, seja através de denúncias”, concluiu.

A partir do século XX, o crime se tornou mais comum depois que as obras barrocas, presentes em todas as cidades históricas de Minas, adquiriram valor artístico e comercial. Para o historiador Magno Morais Mello, os objetos são um reflexo sobre como as sociedades do passado viviam. “Quando uma escultura, estátua ou objeto é perdido, parte da identidade e da referência cultural também é roubada. É uma herança que tinha referência espiritual para milhares de famílias. O valor sentimental é muito mais alto que o comercial”, finalizou.